

CAPÍTULO 4

EDUCAÇÃO FILOSÓFICA NA EDUCAÇÃO BÁSICA: CONCEITOS EM DELEUZE E GUATTARI

Cláudio André Dierings¹²
Hildegard Susana Jung¹³

*Trata-se sempre de liberar a vida lá onde Ela é prisioneira,
ou de tentar fazê-lo num combate incerto (Gilles Deleuze e Félix Guattari).*

1 INTRODUÇÃO

O presente texto pretende realizar algumas reflexões sobre a questão da Filosofia em nossos espaços educativos, enquanto instrumento de formação humana na Educação Básica. Entre essas reflexões ponderamos meios para que de fato possa acontecer essa aprendizagem filosófica significativa em nossos espaços escolares, mostrando possibilidades por meio do fazer filosófico, a partir dos conceitos e seus desmembramentos dos Guattari e Deleuze. Sabemos que algumas escolas trabalham a disciplina de filosofia desde os Anos Iniciais até o Ensino Médio.

O trabalho parte de uma indagação do presente autor, pois enquanto gestor, participa de grupos de pesquisa e reflexão para que a Filosofia e demais disciplinas humanísticas tenham espaço em nossas unidades educativas. Essa motivação surge devido ao seu trabalho em espaços educativos, em especial de uma rede de educação que acredita nas disciplinas de cunho humanístico. Na atual sociedade prevalecem áreas meramente técnicas e imediatistas mas, como sabemos, necessitamos das áreas humanas para não cair na superficialidade e falta de valorização do ser humano. Se olharmos a caminhada educativa, é possível perceber que “na história da educação média brasileira, o ensino da Filosofia não apresenta uma constância, como nos mostram os estudos a este respeito” (GALLO, 2006, p. 20).

¹² Discente do Curso de Pedagogia da Universidade La Salle - Unilasalle, matriculado (a) na disciplina de Trabalho de Conclusão II, sob a orientação da professora Hildegard Susana Jung. E-mail: claudio.dierings@lasalle.org.br.

¹³ Docente do Curso de Pedagogia na Universidade La Salle. Doutora em Educação. E-mail: hildegard.jung@unilasalle.edu.br.

Neste texto nos propomos a fazer o exercício interpretativo no campo da educação no que tange à formação do sujeito contemporâneo. Para isso, reconhecemos o potencial filosófico dos conceitos em Guattari e Deleuze no desvelamento do ser e de suas interfaces, e valorizamos o resultado de toda a criação de conceitos circunscrito de sentidos. Assim, vamos tomar como base a concepção da Filosofia por meio de conceitos, buscando compreender e interpretar os principais sinais da contribuição dessa disciplina na formação do sujeito contemporâneo.

Dissertaremos de um lugar e de um tempo com marcas específicas, sem nenhuma pretensão de excluir o passado ou as potencialidades do futuro, que ora colocamos numa atmosfera de diálogo na tentativa de extrair o mais fidedigno sentido do ser que se apresenta em constante formação, pois “o filósofo opera um vasto sequestro da sabedoria, ele a põe a serviço da imanência pura. Ele substitui a genealogia por uma geologia” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 55).

Quando pensamos no fazer da Filosofia, precisamos também levar em conta a sua metodologia e a forma como acontece na prática em nossos espaços educativos. Igualmente, é necessário mapear quais são os territórios da Filosofia. Por isso, queremos levar em conta as demais áreas da Filosofia, sua metodologia, ensino, currículo e formação humanística. Já que “a Filosofia pode e deve fazer parte do currículo escolar, porque contribui para a realização da essência humana” (SILVEIRA, 2007, p. 90).

Neste cenário, o presente autor acredita que, diante dos desafios que estamos passando enquanto sociedade, essa área de conhecimento poderá ajudar a transformar e humanizar a sociedade. Neste sentido, necessitamos achar a contribuição da Filosofia para essa humanização. Para realizar essa trajetória, iremos contar com as contribuições dos filósofos franceses Deleuze e Guattari.

2 METODOLOGIA

A metodologia da presente pesquisa é de abordagem qualitativa, caracterizada por Bardin (2016) como aquela que não se baseia em cálculos numéricos, mas em subjetividades e compreensões de mundo a partir da experiência dos autores e das suas inferências a partir da teoria. Com relação à sua tipologia, o estudo tem caráter exploratório, pois se apoia em textos relacionados à temática, em especial os filósofos Deleuze e Guattari, bem como em um questionário anônimo enviado aos professores

de uma escola da Educação Básica, na região metropolitana de Porto Alegre (GIL, 2008). O corpo docente da referida escola é composto por 50 professores. Destes, 30 responderam ao questionário, enviado por e-mail, utilizando o recurso Google Forms. O critério de inclusão foi, além de pertencer à comunidade educativa da escola, fazer a opção pela participação na pesquisa. O critério de exclusão foi a decisão pela não participação, que era voluntária. Com relação aos aspectos éticos, o questionário foi acompanhado de um termo de consentimento, o qual informou sobre os objetivos do estudos, bem como da confidencialidade dos dados.

Dessa forma, a partir das respostas, foi realizar a categorização dos resultados, como explica Bardin (2016), buscando frequências, categorias ou rubricas, como explica a autora. Durante essa análise, foi possível identificar as categorias da importância da formação filosófica e sua importância para sociedade. A técnica de Análise de Conteúdo indica que seja realizado o exame dessas categorias identificadas à luz da teoria, de onde partiram as inferências dos autores, como apresenta a seção de análise dos dados.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O legado de Deleuze e Guattari para o ensino da Filosofia

Inicialmente, queremos aprofundar o conceito de Filosofia e seus desmembramentos na área educacional por meio de autores dessa disciplina, principalmente da obra de Deleuze e Guattari. Esses filósofos se pautam na concepção da Filosofia como uma ciência que cria conceitos. Dessa forma, torna-se possível aprofundar alguns elementos da Filosofia que ajudam a compreendê-la no processo de humanização dos educandos nas escolas da Educação Básica.

Num primeiro momento, esses dois autores buscaram definir o que é Filosofia, partindo de respostas que já existiam na história da filosofia, e do que aprofundaram no desenvolvimento de suas teorias. Assim,

Nós não podemos aspirar a um tal estatuto. Simplesmente chegou a hora para nós de perguntar o que é a Filosofia. Nunca havíamos deixado de fazê-lo, e já tínhamos a resposta que não variou: a Filosofia é a arte de formar, de inventar, de fabricar conceitos. Mas não seria necessário somente que a resposta acolhesse a questão, era preciso também que determinasse uma hora, uma ocasião, circunstâncias, paisagens e personagens, condições e

incógnitas da questão. Seria preciso formulá-la “entre amigos” como uma confiança ou uma confiança, ou então face ao inimigo como um desafio, e ao mesmo tempo atingir esta hora, entre o cão e o lobo, em que se desconfia mesmo do amigo. É a hora em que se diz: “Era isso, mas eu não sei se eu disse bem, nem se fui assaz convincente”. E se percebe que importa pouco ter dito bem ou ter sido convincente, já que de qualquer maneira é nossa questão agora (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 8).

Deleuze e Guattari convidam para aprofundarmos nosso conhecimento e questionar o que é Filosofia, colocando em pauta os conhecimentos prévios. Por isso, os autores desafiam a entender essa filosofia dos conceitos e explicam: “Platão dizia que é necessário contemplar as ideias, mas tinha sido necessário antes que ele criasse o conceito de ideia. Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos?” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12).

Neste sentido, os autores acreditam que Filosofia é a disciplina que cria conceitos, e o filósofo é aquele que cria conceitos nos quais a Filosofia é seu trabalho. A criação de conceitos é um início daquilo que é elaborado futuramente na Filosofia, pois “[...] o conceito é colocado como potência, em que a Filosofia, através dos conceitos, não seria criar produtos, formas, mas sim criar conceitos, essa seria sua finalidade (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.11).

Dessa forma, o pressuposto que Deleuze e Guattari abordam é que o conceito é uma articulação, que sua origem é um problema, nascendo assim na Filosofia o conceito. Cabe à Filosofia realizar esses problemas e criar conceitos para que possamos problematizar e resolver as questões propostas, pois “Toda criação é singular, e o conceito, como criação propriamente filosófica, é sempre uma singularidade. O primeiro princípio da Filosofia é que os universais não explicam nada, eles próprios devem ser explicados” (DELEUZE; GUATTARI, 2010. p.13).

É importante destacar que a Filosofia de conceitos não vai ao encontro da construção dos universais, como é constituído; criado não é universal, mas sim singularidade, na qual a verdade é a partir daquilo que foi criado. Neste sentido, a Filosofia teria essa característica, partindo dos problemas e criando novos conceitos a partir dos problemas. Estaria aqui a grande novidade dos estudos de Filosofia, sua continuidade e renovação para contribuição da sociedade. Dessa forma, “A Filosofia, não mais como juízo sintético, mas como sintetizador de pensamentos, para levar o pensamento a viajar, torná-lo móvel, fazer dele uma força do Cosmo (do mesmo modo se leva o som a viajar...)” (DELEUZE e GUATTARI, 1997, p. 140). Um conhecimento

que não é limitado ou enquadrado, mas que possibilita criar para resolver os problemas.

Um elemento importante sobre criação de conceitos é que necessitamos criar os mesmos, “segundo o veredito nietzschiano, você não conhecerá nada por conceitos se você não os tiver de início criados, isto é, construído numa intuição que lhes é própria: um campo, um plano, um solo, que não se confunde com eles, mas que abriga seus germes e os personagens que os cultivam” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 13-14). Na medida em que os conceitos são criados, eles não deixam de existir por si mesmos, mas são recriados. Dessa forma, temos na Filosofia esse privilégio da criação feito pelo filósofo, de forma única, pois na medida em que levanta problemas, se encontra a capacidade de resolver essa situação, pois “Destacar sempre um acontecimento das coisas e dos seres é a tarefa da Filosofia quando cria conceitos, entidades. Erigir o novo evento das coisas e dos seres, dar-lhes sempre um novo acontecimento: o espaço, o tempo, a matéria, o pensamento, o possível como acontecimento” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 42).

Percebemos aqui a importância da singularidade que está na multiplicidade. Aqui, se faz presente a abertura para o novo, aquilo que ainda pode ser pensado e criado para o novo da sociedade. Por isso a importância do filósofo, pois é através do seu trabalho que os novos conceitos são proporcionados.

Se toda Filosofia assume e determina sua própria fenomenologia, uma nova fenomenologia se afirma aqui com força. Ela se caracteriza pelo processo que remete o mundo à produção, a produção à subjetividade, a subjetividade à potência do desejo, a potência do desejo ao sistema de enunciação, a enunciação à expressão (DELEUZE e GUATTARI, 1995b, p. 3).

Uma Filosofia que não está limitada às suas conclusões, mas que busca reinventar sua fenomenologia. Sendo a Filosofia não restringida a sua história, mas uma área de conhecimento vista como como potência criativa, que se reinventa a partir da criação de novos conceitos, conforme abordamos acima. Deleuze e Guattari definiram o seguinte sobre a questão da criação de conceitos:

O filósofo é o amigo do conceito, ele é conceito em potência. Quer dizer que a Filosofia não é uma simples arte de formar, de inventar ou de fabricar conceitos, pois os conceitos não são necessariamente formas, achados ou produtos. Mais rigorosamente, a Filosofia é a disciplina que consiste em *criar* conceitos. [...] Criar conceitos sempre novos é o objeto da Filosofia. É porque o conceito precisa ser criado que ele remete ao filósofo como aquele que o tem em potência, ou que tem sua potência e sua competência. [...] Os

conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados, ou antes, criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. [...] Que valeria um filósofo do qual se pudesse dizer: ele não criou um conceito, ele não criou seus conceitos? (GALLO, 2006, p. 24 apud Deleuze; Guattari, 1992, p. 13-14).

O autor nos apresenta o mais específico daquilo que é Filosofia. Não sendo uma arte de inventar, mas sim criar conceitos, que é o objeto da Filosofia. Esses conceitos necessitam ser criados, servindo de combustível para a renovação e manutenção da área. Sendo essa Filosofia não estaqueada em questões teóricas e históricas, mas refletindo sobre o mundo real, com seus desafios, problemas e caos, buscando superar essa realidade por meio da criatividade.

Vemos ao menos o que a Filosofia não é: ela não é contemplação, nem reflexão, nem comunicação, mesmo se ela pôde acreditar ser ora uma, ora outra coisa, em razão da capacidade que toda disciplina tem de engendrar suas próprias ilusões e de se esconder atrás de uma névoa que ela emite especialmente. Ela não é contemplação, pois as contemplações são as coisas elas mesmas enquanto vistas na criação de seus próprios conceitos. Ela não é reflexão, porque ninguém precisa de Filosofia para refletir sobre o que quer que seja: acredita-se dar muito à Filosofia fazendo dela a arte da reflexão, mas retira-se tudo dela, pois os matemáticos como tais não esperaram jamais os filósofos para refletir sobre a Matemática, nem os artistas sobre a pintura ou a música; dizer que eles se tornam então filósofos é uma brincadeira de mau gosto, já que sua reflexão pertence à sua respectiva criação. E a Filosofia não encontra nenhum refúgio último na comunicação, que não trabalha em potência a não ser de opiniões, para criar o “consenso” e não o conceito (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 12).

Os autores situam, de forma clara, que a Filosofia não é comunicação, reflexão ou algo parecido, pois sua reflexão já faz parte da criação. Dessa forma, a Filosofia nos apresenta a solução para a criação de conceitos, pois os conceitos são algo único, sem preexistência que vem em acontecimentos, pois “O conceito é algo criado e, como tal, implica uma habilidade que só pertence ao filósofo, uma atividade em que consiste propriamente a Filosofia” (GALLINA, 2004, p. 368). Neste sentido,

O acontecimento é talvez a figura contemporânea do *álfeton*, do que não pode ser integrado, nem identificado, nem compreendido, nem previsto. Outras palavras que podem nomear também, ainda que de outro modo, o acontecimento são, por exemplo, interrupção, novidade, catástrofe, surpresa, começo, nascimento, milagre, revolução, criação, liberdade (GALLINA, 2004, p. 367 apud LARROSA, 2001, p. 282).

Quando nos referimos a acontecimento, temos neste contexto a grande novidade que não podemos identificar fisicamente, mas que tem a existência real.

Algo que podemos atribuir ao conceito, aquilo que vai chegar, um porvir. Por isso, a Filosofia não pode ser mais vista como reflexão, contemplação ou até como uma proposição, como sua história vinha nos dizendo, mas sim criação de conceitos.

Assim, o conceito não deve ser procurado, pois não está aí para ser encontrado. O conceito não é uma “entidade metafísica”, ou um “operador lógico”, ou uma “representação mental”. O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite pensar de novo. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível (GALLO, 2003, p. 51-52).

É importante destacar que o conceito é um dispositivo que é criado, produto do novo que vai recordando acontecimento. O conceito é o meio no qual vamos resolver um problema, daquilo que de fato é. Por isso, o conceito é imanente, porque nasce de problemas concretos. Neste sentido, Gallo (2006) apresenta especificidades da Filosofia conceitual, que ajudaria a compreender suas características, principalmente no cotidiano prático:

1. Trata-se de um **pensamento conceitual**: enquanto saber, ela é sempre produto de pensamento, é uma experiência de pensamento. Mas o que caracteriza a Filosofia, como veremos a seguir, é que ela é uma experiência de pensamento que procede por conceitos, que cria conceitos, à diferença da Ciência e da Arte [...]; 2. Apresenta um **caráter dialógico**: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva [...]; 3. Possibilita uma postura de **crítica radical**: a atitude filosófica é a da não-conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas, e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas (GALLO, 2006, p. 23).

Essas três potências podem ser vistas como orientadoras da criatividade, nascendo algo novo através do filósofo e possibilitando a integração com outras áreas, como “Arte, Ciência e Filosofia se complementam, cada uma delas permitindo uma experiência distintiva de pensamento criativo” (GALLO, 2007, p. 20-21). É relevante destacar que, o conceito “não se cria no vazio, a partir do nada; são os próprios conceitos, colhidos na história da Filosofia, ou seus elementos próprios, que

nos darão a matéria-prima para nossa atividade de criação ou recriação a partir de nosso próprio problema” (GALLO, 2007, p. 31).

Neste sentido, conforme a concepção de Filosofia de Deleuze e Guattari, os próprios alunos podem realizar conceitos filosóficos. O estudo da Filosofia pelo conceito se dá pela singularidade de um problema. A verdade estaria sempre no conceito, na medida em que ele é criado a partir de um problema. Isso porque o conceito é criado para mudar o problema:

Para falar a verdade, as Ciências, as Artes, as Filosofias são igualmente criadoras, mesmo se compete apenas à Filosofia criar conceitos no sentido estrito. Os conceitos não nos esperam inteiramente feitos, como corpos celestes. Não há céu para os conceitos. Eles devem ser inventados, fabricados ou antes criados, e não seriam nada sem a assinatura daqueles que os criam. Nietzsche determinou a tarefa da Filosofia quando escreveu: “Os filósofos não devem mais contentar-se em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11-12).

Por isso, estudar Filosofia não é refletir, imaginar, estudar verdades, mas criar conceitos que podem favorecer a realidade. Filosofia não é técnica, verdade em si, mas adentrar nos conceitos, ajudando a criar novas realidades, pois “Pensar é experimentar, mas a experimentação é sempre o que se está fazendo, o novo, o notável, o interessante, que substitui a aparência de verdade e que é mais exigente do que ela (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p.133). Neste sentido, a Filosofia acontece na medida em que ela sai de suas origens para estar presente e atualizada, por meio da criação de conceitos. Dessa forma, é pela imanência que conseguimos conceitos consistentes para que o filosofar aconteça na prática.

3.2 O fazer filosófico a partir dos conceitos

Quando abordamos o fazer filosófico a partir dos conceitos, necessitamos levar em conta debates que já foram realizados em relação ao ensino da Filosofia na Educação Básica, e de como isso pode influenciar as futuras gerações que adquiriram esse conhecimento. Logo, no início da Filosofia nas instituições de ensino era levado em conta o estudo da história da filosofia.

Em determinado momento, a importância das discussões filosóficas de autores foi percebida, assim como levar em conta temáticas atuais na problematização da Filosofia. Da mesma forma, se tornou necessário definir as

habilidades e competências que necessitam ser desenvolvidas nos espaços educativos por meio da criação de conceitos.

O fazer filosófico que proporciona o conhecimento e a aprendizagem significativa, que acontece a partir dos autores Guattari e Deleuze, nos direcionam para a criação de conceitos. E que a história e o cotidiano da Filosofia possam ser retomados por esses autores pelos acontecimentos que poderão ser recriados. “O devir não é história; a história designa somente o conjunto das condições, por mais recentes que sejam, das quais se desvia a fim de “devir”, isto é, para criar algo novo” (DELEUZE e GUATTARI, 2010, p. 124-125).

Acreditamos que o fazer filosófico a partir dos conceitos, seja um grande diferencial no meio educacional para novas aprendizagens e a formação humanística. Dentro das instituições, necessitamos pensar estruturas que favoreçam o ensino e a aprendizagem da Filosofia, permitindo ser uma experiência filosófica, criando novos conceitos.

Na obra *O que é a Filosofia?*, Gilles Deleuze e Félix Guattari afirmam que Arte, Ciência e Filosofia são as três potências do pensamento, na medida em que permitem o exercício da criatividade. Cada uma, à sua maneira, significa um mergulho no caos e um lampejo de pensamento novo, criativo. De seu mergulho no caos, o artista traz percepções e afetos; o cientista traz funções; o filósofo traz conceitos. Assim, Arte, Ciência e Filosofia se complementam, cada uma delas permitindo uma experiência distinta de pensamento criativo (GALLO, 2006, p. 22).

Importante destacar a relevância do fazer filosófico para o exercício do pensamento e da criatividade, em consonância com as demais áreas humanas que auxiliam na formação de valores existenciais. É necessário mergulharmos em diferentes áreas, em sua profundidade para que possa nascer o novo, fonte de diferentes áreas, pois a “grandeza de uma Filosofia também se avalia pela natureza dos acontecimentos aos quais seus conceitos nos convocam, ou que ela nos torna capazes de depurar em conceitos. O conceito pertence à Filosofia e só a ela pertence” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 43).

Dentro disso, a Filosofia tem algumas características importantes, como o carácter dialógico e postura crítica radical, visível em outras áreas de conhecimento. Porém, sua atuação na criação de conceitos é o diferencial, na qual vai reinventando e criando novos conhecimentos, pois

A partir da noção de conceito posta por Deleuze e Guattari, a Filosofia não é apenas um conjunto de conhecimentos criados historicamente, mas sobretudo uma atividade criativa, na medida em que o filósofo, encarnado e vivendo num mundo concreto, enfrenta problemas vitais, mergulha no caos e busca a criatividade que lhe permita inventar conceitos que ajudem a dar uma forma racional ao problema vivido, podendo assim encontrar soluções. E a História da Filosofia, mais do que o inventário cronológico das soluções, é como que um arsenal, um repositório dos conceitos criados, que podem ou não servir como ferramentas, instrumentos para nosso próprio pensamento (GALLO, 2006, p. 24).

O fazer filosófico a partir dos conceitos vai além do olhar histórico do conhecimento produzido, e nos remete a continuar a construir esses conhecimentos. A Filosofia instiga o ser humano a partir dos desafios que vai passando, a fim de conseguir soluções para a criação de conceitos. É uma forma que dentro da Filosofia podemos recriar novos conceitos; e assim já não é o mesmo, ficando contextualizado para resolver o problema encontrado.

A Filosofia apresenta uma outra característica fundamental que é a transversalidade, que não fica mergulhada em sua própria estrutura, mas sim busca uma interpelação com o problema atual. Conforme Deleuze e Guattari (1995a), “O pássaro de Minerva (para falar como Hegel) tem seus gritos e seus cantos; os princípios em Filosofia são gritos em torno dos quais os conceitos desenvolvem verdadeiros cantos” (p. 9). Dessa forma, temos aqui um seguimento da Filosofia.

Nesta perspectiva, a Filosofia é aberta para a criação de conceitos, “sendo a sala de aula um espaço de caráter prático, investigativo, dinâmico, o qual não cai na superficialidade, mas fica a dimensão filosófica do conceito. Optando que nos espaços filosóficos das escolas permaneça uma oficina de conceitos, na qual podem ser experimentados, criados, testados, etc. (GALLO, 2006, p.25).

Assim, a Filosofia nas instituições educativas de Educação Básica possuem um papel fundamental, necessitando cuidar para não fugir da originalidade do conceito e submeter-se à superficialidade dos conceitos, muitas vezes abordados no sistema de consumo.

A Filosofia tem uma função que permanece perfeitamente atual, de criar conceitos. Ninguém pode fazer isso no lugar dela. Certamente a Filosofia sempre teve seus rivais (...). Hoje é a informática, a comunicação, a promoção comercial, que se apropriam dos termos conceito e criativo; esses conceituadores formam uma raça atrevida que exprime o ato de vender como supremo pensamento capitalista, o cogito da mercadoria (MONTEIRO, 2016, p. 49).

O texto acima nos sinaliza alguns caminhos que devem ser seguidos para que possamos potencializar a Filosofia como criação de novos conceitos. O fazer conceitos filosóficos não é aquilo que redes de comunicação realizam atualmente, que criam possibilidades para muitas vezes manipular produtos e pessoas. Quando abordamos a questão do fazer filosófico por meio dos conceitos, é importante que a Filosofia seja prática, que não seja apenas um passar da história e fatos relevantes, mas sim um conhecimento filosófico aprofundado. E uma das possibilidades é realizar filosofia a partir do problema.

Dessa forma, alguns autores a partir do embasamento em Deleuze e Guattari, abordam alguns elementos relevantes para que o problema possa de fato ser uma experiência de pensamento. O primeiro é a questão da sensibilização, na qual o educando cria uma relação de empatia para que, na medida em que os conceitos são criados, eles possam confrontar os problemas. Nesta situação, necessitamos estar imbuídos, vivenciando esse problema. Na medida em que esse desafio é vivenciado pelos educandos, torna-se algo mais atraente para ser aplicado.

O segundo elemento é a problematização, onde somos convidados para tornar o tema em problema, fazendo com que busquemos resolver essa questão. Aqui necessitamos problematizá-lo em diferentes áreas e realidades (GALLO, 2006, p.27). A terceira questão importante é a investigação, onde necessitamos buscar a solução do problema. E isso seria possível à medida que buscamos os conceitos na trajetória da Filosofia. Esse elemento ajudaria a pensar sobre o problema.

O quarto elemento é a conceituação, na qual somos convidados para recriar os conceitos (GALLO, 2006, p. 27). Por fim, o último elemento é extremamente importante para o fazer filosófico por meio dos conceitos. A transversalidade compromete o caminho da Filosofia, ajudando a sociedade. Com a transversalidade, a Filosofia não fica em si mesmo, mas busca relação com outras áreas, o que vai na linha das propriedades do conceito que Deleuze e Guattari abordam (GALLO, 2006, p.30).

3.3 Ensino e Metodologia de Filosofia

Diante daquilo que dialogando sobre o ensino da Filosofia enquanto sociedade, necessitamos amadurecer sobre sua relevância para a formação da cidadania da sociedade. Necessitamos ter um entendimento claro de sua imensa contribuição para

a formação cultural, crítica e reflexiva para convivermos em comunidade. Por isso, é importante a problematização de tudo o que envolve a Filosofia, assim como seus conceitos. Sendo assim, seguiremos os caminhos de Guattari e Deleuze.

Quando abordamos a questão do ensino da Filosofia e suas novas possibilidades de inserir nos espaços educativos, necessitamos levar em conta o que Deleuze e Guattari abordam sobre a busca pelo novo, que necessitamos compreender.

O que se estabelece no novo não é precisamente o novo. Pois o que é próprio do novo, isto é, a diferença, é provocar (solliciter) no pensamento forças que não são as da reconhecimento, nem hoje nem amanhã, potências de um modelo totalmente distinto, em uma *terra incógnita* nunca reconhecida, nem reconhecível (GELAMO, 2009, p. 30 apud DELEUZE, 1968, p. 177).

É importante compreendermos aquilo que o novo provoca e como de fato ele acontece. Nisso está implicado o ensino e sua metodologia para conseguirmos repassar essa didática de como acontece. Realizamos aqui uma opção do texto, partindo dos autores que fundamentam o presente texto. Buscamos em Guattari e Deleuze um pensamento filosófico para que nos facilite o ensino da Filosofia a partir da problematização.

Ao levarmos em conta o ensino da Filosofia, necessitamos ressignificar essa pedagogia do ensino, para conseguirmos realizá-la à medida que colocamos em diálogo essa problematização. Quando falamos em aprendizagem da Filosofia, não nos orientamos pela objetividade metodológica, ou sua meta final em apenas conhecer conteúdos, mas sim a ligamos às problematizações, nas quais elas vão se modificando.

Um dos desafios na área da educação e seu currículo é buscar meios que auxiliam no processo educativo em nossas instituições, devido às complexidades que estamos envolvidos, desde o processo enquanto escola, situação educacional do país e organização das nossas instituições de ensino e suas políticas. Assim sendo, temos aqui a possibilidade de compreendermos o ensino e a metodologia da Filosofia. É importante recordarmos a trajetória do ensino da Filosofia no Brasil, que perpassou diferentes fases.

Há muitos anos – desde sua retirada no início dos anos 70, durante os chamados *anos de chumbo* do governo militar brasileiro – luta-se para reimplantar a Filosofia no Ensino Médio. Bate-se contra o escândalo teórico e político da sua supressão e, ao mesmo tempo, se constata que o ensino

da Filosofia se estende na medida em que a democracia avança. Compreende-se que não há propriamente ofício filosófico sem sujeitos democráticos, e não há como atuar no campo político e consolidar a democracia, quando se perde o direito de pensar (GELAMO, 2009, p. 31 apud APPEL, 1999, p. 69).

Na história da educação filosófica no Brasil, houve muita reflexão e luta para conseguirmos implantar a Filosofia nas escolas. Por vários momentos houve reflexões para ela conseguir seu espaço no currículo escolar. Atualmente estamos com seu espaço no currículo, porém com carga horária baixa, além de nem todos os níveis de ensino oferecerem o ensino da Filosofia. E conforme a temática que estamos abordando, para uma Filosofia de conceitos acontecer no dia-a-dia e inserirmos suas potencialidades no desenvolvimento do aprendizado, necessitamos desse espaço em nossas instituições educativas.

A todos quantos têm acesso à Filosofia nos espaços educativos, cabe entender e compreender os escritos dos filósofos, os quais, através do ensino e de suas metodologias, têm acesso a essa gama de conhecimentos. Daí a importância em ter um mestre que sinalize caminhos para a compreensão da Filosofia, que deverá acontecer através de experiências de aprendizagem, para não gerar apenas um conhecimento meramente teórico, pesado e sem ligação com a vida.

Tendo presentes as ideias de Gilles Deleuze e Michel Foucault, pensamos que o ensino da Filosofia precisa ser perspectivado a partir de uma Filosofia menor e de uma Ontologia do presente, nas quais o ensino da Filosofia passe a se constituir como uma experiência de pensamento: no encontro de um filósofo-professor com os alunos numa sala de aula, tendo a preocupação de inventar a própria existência por meio de uma estética da existência que seja produzida nesse encontro criador entre o exercício profissional e o cuidado para consigo mesmo como invenção de um modo de vida (GELAMO, 2009, p. 163).

O aprendizado da Filosofia se constitui numa experiência significativa, através dos encontros que acontecem entre professor e alunos. Que sejam momentos de estudo que possibilitem a criação do novo, e principalmente criando o sentido da sua existência. Um professor que ensina Filosofia a partir da sua própria existência, na qual se coloca como problema, e busca entender aquilo que é.

Nunca se sabe de antemão como alguém vai aprender – que amores tornam alguém bom em Latim, por meio de que encontros se é filósofo, em que dicionários se aprende a pensar (...). Não há método para encontrar tesouros nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou uma *paideia* que percorre inteiramente todo o indivíduo (um albino em que nasce

o ato de sentir na sensibilidade, um afásico em que nasce a fala na linguagem, um acéfalo em que nasce pensar no pensamento) (DELEUZE, 1988, p. 270).

É importante buscar meios para que aconteça a aprendizagem da Filosofia que permeie o todo do ser, que através do seu testemunho mostre que é um sujeito humanizador, que isso foi possibilitado através dos conhecimentos de Filosofia, que busque seu autoconhecimento e ajude a termos uma sociedade melhor. Por isso, teremos um fator que nos ajude, aquilo que Deleuze e Guattari nos sinalizam numa Filosofia marcado pelo fazer filosófico, sua historicidade e a criatividade.

Um desafio para que a Filosofia seja prática e que alcance aqueles que não têm nenhuma base filosófica é conseguir através dos textos filosóficos e um bom professor, seguir uma boa didática, na qual os educandos consigam ser atingidos pelos bons conhecimentos proporcionados pela Filosofia.

Por isso, alguns teóricos nos apresentam possibilidades para que o ensino e aprendizagem de fato aconteça, visto a partir de sua complexidade, desde conhecimentos de milhares de anos, em diferentes regiões e com várias linhas de compreensão e interpretação, assim como conexões e criação de novos conteúdos, partindo daquilo que já foi produzido. Assim nos são apresentadas três linhas que facilitam ao professor no ensino da Filosofia.

1. Atenção ao filosofar como ato/processo: não podemos tomar a Filosofia apenas como um conjunto de conteúdos historicamente construídos a serem transmitidos, passado de geração a geração. Se a Filosofia continua viva e ativa, é porque tem sido transmitido às novas gerações também o processo da produção filosófica, de modo que há sempre filósofos novos, produzindo um novo pensamento, dando continuidade a essa história. Assim, ensinar Filosofia é ensinar o ato, o processo de Filosofia (GALLO, 2007, p. 15-16).

2. Atenção à história da Filosofia: por outro lado, não podemos desprezar 2.500 anos de história. Não temos o direito de querer que nossos alunos “reinventem a roda” em Filosofia. Para que eles possam aprender o ato de filosofar, é preciso que conheçam a história da Filosofia. É preciso que tenham acesso ao conhecimento historicamente produzido, aos modos de produção de filosofia que os vários filósofos foram inventando. Assim, ensinar Filosofia é também ensinar história da Filosofia (GALLO, 2007, p. 16).

3. Atenção à criatividade: se precisamos estar atentos à história, é necessário, porém uma recusa da tradição para a emergência do novo que Sthéphane Douaillier defende, de que o ensino da Filosofia é uma espécie de “poder do começo”, isto é, qualquer um que se dedica de fato à Filosofia, ao filosofar, recomeça a Filosofia à sua maneira. Douaillier exemplifica com Platão: ele só pôde surgir como filósofo, produzir seu próprio pensamento, depois da mostra de seu mestre, Sócrates. Em poucas palavras: precisamos do mestre, da tradição para iniciar o filosofar; mas também precisamos matar o mestre, negar a tradição, para continuarmos a aventura filosófica, para que mantê-la viva e ativa (GALLO, 2007, p. 16).

Conforme a teoria que viemos abordando, percebemos que o filosofar perpassa por um processo. Isso está ligado de geração a geração, o que vai possibilitando a transmissão dos conhecimentos filosóficos, o que torna a Filosofia viva, à medida que vai criando novos conhecimentos filosóficos. E não fica meramente nos conhecimentos históricos, porque precisamos levar em conta no ato de filosofar toda a caminhada que a Filosofia realizou.

Assim, em nosso ensino da Filosofia, levaremos em conta todas as possibilidades da tradição filosófica, para podermos criar e manter contextualizados esses conhecimentos. Por isso, necessitamos da tradição, dos mestres e todo o conhecimento que já foi produzido.

É relevante sabermos que não existe “a” Filosofia, mas a “as” filosofias e, sobretudo, o filosofar [...] Há uma perspectiva filosófica (em face da perspectiva científica ou artística), mas felizmente ela é multifacetada [...] (GALLO, 2007, p. 18). Consequentemente, temos aqui elementos que também necessitamos levar em conta, além dos equívocos que já aconteceram na Filosofia. Daí a possibilidade de sempre ressignificar os conhecimentos e criando novos movimentos. Assim como ser uma filosofia contextualizada que caminha com a realidade.

Falta a relação entre Filosofia e mundo: no primeiro, o mundo se modifica sem Filosofia; no segundo, a Filosofia pretende modificá-lo, mas o mundo permanece como está, pois a Filosofia não se comunica com ele; falta esse laço entre a Filosofia e a realidade, que é a práxis. Por meio da práxis, a Filosofia se realiza, se torna prática e se nega; portanto, como Filosofia pura, ao mesmo tempo que a realidade se torna teórica, no sentido de que se deixa impregnar pela Filosofia (SILVEIRA, 2007, p. 113 apud VÁZQUEZ, 1986, p. 126-127).

Com esses movimentos, já somos sinalizados da importância da Filosofia em nossas instituições de ensino. Para manter atualizados e criando novas maneiras de filosofar, que o ensino desenvolva criticidade aos alunos, assim como dialogar com outras áreas de conhecimento.

Por isso, dentro do ensino necessitamos apresentar metodologias que auxiliem as possibilidades de fazer Filosofia, momentos em que prevalece o diálogo. Então saímos de espaços e formas tradicionais de fazer Filosofia e proporcionamos momentos de interação nos quais o educador conduz e envolve seus alunos nas problematizações.

Proporcionar espaços e relações que criam gosto pela Filosofia é nosso compromisso com nossos alunos, facilitando a criação de conceitos para poder resolver os problemas cotidianos. Daí a necessidade de uma Filosofia contextualizada. “Ora, de nada adiantaria que o professor indicasse um problema aos alunos; é preciso, para que eles possam fazer o movimento do conceito, que o problema seja vivido como um problema para eles (GALLO, 2007, p. 27).

Nesta possibilidade de filosofar a partir do conceito, temos a importância de contextualizar e criar o gosto por um “problema filosófico, a partir de um elemento não filosófico. Trata-se de fazer com que os estudantes incorporem o problema, para que possam vir a criar um conceito incorporal” (GALLO, 2007, p. 28).

Nesta questão entram questões metodológicas que os professores poderão utilizar para que de fato o ensino aconteça. Aulas com situações de problemas do dia-a-dia e utilização de recursos como: cantos, vídeos, situação-problema, realidade da sociedade, acontecimentos históricos, notícias de jornais, situações que os próprios jovens passam no seu dia-a-dia. Desenvolver nos educandos a “capacidade de espanto, de admiração, de problematização e o desejo de busca da verdade é, de certa forma, uma atitude revolucionária, pois, conhecendo a verdade, estarão mais bem preparados e equipados para intervir criticamente nesse contexto” (SILVEIRA, 2007, p. 112).

Após esse primeiro contato, no qual todos estão conscientizados num contato inicial e “tendo a atenção mobilizada para a questão, o objetivo é problematizá-la em vários aspectos e em várias perspectivas. (GALLO, 2007, p. 28). Diante dessa metodologia, podemos abordar as temáticas através de perspectivas e possibilidades diferentes. De todas as propostas mencionadas acima, certamente vão ajudar os nossos alunos a compreender os problemas filosóficos e fazer a Filosofia dos conceitos.

Nesta possibilidade, conseguimos levar em conta algumas defasagens culturais em alguns educandos, que devido a sua história de vida, tiveram menos acesso aos conhecimentos. Assim, essas diferentes possibilidades de ter acesso à Filosofia ajudarão na assimilação dos estudos.

Partindo desses elementos de ensino e metodologia, conseguimos dar seguimento nas aprendizagens e conhecimentos, com os quais os educandos poderão alcançar o domínio de alguns conceitos que estamos abordando. Na medida em que conseguem compreender os textos de Filosofia, poderão participar

democraticamente dos diálogos filosóficos, ler textos e conseguir escrever com coerência sobre diferentes conceitos. E assim certamente alcançamos os objetivos da temática vigente.

3.4 Currículo da Filosofia e suas Interfaces

Destacamos que o professor é um mediador, facilitador de todo o processo filosófico que acontece nas instituições educativas da Educação Básica. Daí a importância da reflexão e estudo do currículo da Filosofia, que norteia nossas atividades educativas. E precisamos levar em conta o distanciamento existente entre os conhecimentos da Filosofia e do saber dos alunos. Neste sentido, cabe ao professor, como mestre, romper muros para poder ensinar essas novas experiências filosóficas, através de experiências interativas e dialogadas com seus alunos.

Evidenciamos aqui a importância da Filosofia no currículo dos nossos espaços educativos, devido a alguns desafios que já passamos na história. “O convencimento da importância da Filosofia na formação dos alunos no Ensino Fundamental, Médio e Superior, e até mesmo no ensino da Filosofia para crianças, com o objetivo de marcar seu lugar na formação crítica do sujeito” (GELAMO, 2009, p. 44).

Sabemos que não é comum encontrarmos aprendizagens de Filosofia no dia-a-dia, através das mídias, propagandas, e mais raramente em músicas. Neste sentido, é importante a atuação do educador de Filosofia na Educação Básica, para que efetivamente aconteça a aprendizagem de Filosofia. Com isso, “é preciso a palavra do professor para romper com um suposto mutismo que persiste no hiato entre aquilo que se leu dos filósofos e aquilo que se tem de compreender do que se leu” (GELAMO, 2009, p. 116).

Daí a importância da Filosofia no currículo escolar, que poderá ajudar o educador nas experiências de aprendizagens para as quais os alunos são instigados. Nele constam todos os conteúdos mínimos que devem ser abordados. Assim conseguimos compreender os conceitos e a forma que dialoga no âmbito de toda a escola, em busca da transformação social e pela humanização do sujeito.

Um dos desafios dos currículos de Filosofia que às vezes são muito científicos, com muito conteúdo e instrumentalizados, não conseguindo fazer os movimentos que estamos abordando no texto, que é o trabalho a partir dos conceitos. Dessa maneira, o pensar da arte e as potências que a Filosofia proporciona continua sendo um

desafio. Por isso a busca de um equilíbrio da Ciência, Arte e Filosofia, proporcionando aos nossos jovens pensamento criativo a partir dos conceitos (GALLO, 2007, p. 21). No currículo que tem sistematizado o conjunto de experiências que o educando deve passar consta o mínimo de práticas que o contexto histórico e cultural produziu, o qual é ressignificado e estudado pelos alunos. Sendo assim, o currículo aponta caminhos para serem refletidos.

Para um trabalho eficaz na Filosofia, temos documentos que orientam seu currículo. Além disso, o educador tem uma grande responsabilidade nesse trabalho pedagógico. É da sua responsabilidade profissional abordar os diferentes conteúdos da Filosofia. Assim como levar em conta os interesses dos alunos, necessitando para isso cativar, provocar interesse e motivá-los para esses estudos. Dentro do currículo e da disciplina, é importante, “como em qualquer outra disciplina escolar, não incorrer na doutrinação e no proselitismo, o que de modo algum significa que possa ser neutro, apolítico. Na verdade, o trabalho pedagógico possui sempre uma dimensão política” (SILVEIRA, 2007, p. 100).

Neste sentido, é importante o educador, no desenvolvimento do currículo da Filosofia, “assumir posições claras e firmes sobre o que quer que seja, desde que o faça com coerência, rigor e espírito democrático, sem tomá-las como verdades absolutas e indiscutíveis, o que seria uma atitude dogmática, sectária e nada filosófica” (SILVEIRA, 2007, p. 104). Aqui necessitamos ter uma visão aberta, flexível a todos os posicionamentos que poderão existir em sala de aula. Por isso, a democracia e o diálogo são fundamentais dentro dos espaços educativos da Educação Básica. Se os espaços educativos são o ambiente privilegiado para fazer Filosofia, necessitamos refletir e aperfeiçoar o papel do professor e o papel do currículo na escola, vista a importância dessa área para a humanização e a transformação da sociedade. Essa área é fundamental para o aumento da cultura e para fortalecermos essa área do conhecimento em nossos espaços educativos.

O professor tem papel fundamental na mediação do ensino da Filosofia com os educandos, tendo uma grande responsabilidade para que os conceitos sejam desenvolvidos, internalizados na vida dos alunos e ajudem na construção do seu projeto de vida. Ao mesmo tempo, o professor necessita ter consciência dos desafios da sua atuação e espaço do ensino da Filosofia, conforme abordamos no texto acima.

Certamente, não é tarefa das mais fáceis, mas também é certo que, uma vez realizada adequadamente, seu significado político e cultural será imenso. E, como disse certa vez Paulo Freire “*a melhor maneira de fazer amanhã o que não se pode fazer hoje é fazendo hoje o que se pode fazer hoje*” E, já que, para cada dia basta o seu cuidado, façamos então hoje, pela Filosofia e por nossos alunos tudo o que pudermos fazer hoje (SILVEIRA, 2007, p. 116-117).

Daí novamente a importância da valorização da Filosofia em nossos currículos da Educação Básica, à medida que vamos refletindo e aperfeiçoando nosso fazer filosófico em nossas instituições educativas. Para que possamos realizar pequenas mudanças no cotidiano da nossa escola, precisamos mudar a estrutura, que muitas vezes exclui essa área de conhecimento. Esta possibilidade de filosofar que estamos abordando traz o conhecimento como saber, uma experiência de pensamento, uma filosofia que parte por conceitos, cria conceitos, como aprofunda o autor. Tem que ser um currículo que esteja inteirado desta possibilidade de realizar a Filosofia, para não cairmos em linhas pragmáticas e fechadas em si mesmas, mas que abram possibilidades para

[...] um *caráter dialógico*: ela não se caracteriza como um saber fechado em si mesmo, uma verdade dogmática, mas como um saber que se experimenta, que se confronta consigo mesmo e com os outros, que se abre ao diálogo com outros saberes, um saber aberto e em construção coletiva Possibilita uma postura de *crítica radical*: a atitude filosófica é a da não-conformação, do questionamento constante, da busca das raízes das coisas, não se contentando com respostas prontas, e sempre colocando em xeque as posturas dogmáticas e as certezas apressadas (GALLO, 2007, p. 22).

Que a Filosofia presente no currículo que o professor aborda seja de fato a partir dos conceitos que busca o novo, partindo daquilo que já foi criado e refletido através da história da humanidade. “A Filosofia da Educação é o saber mais antigo dessa interlocução e, contrariamente à Sociologia, à Psicologia e à História, não é uma ciência no sentido moderno do termo, mas uma disciplina nos currículos (HERMANN, 2015, p. 219).

Dentro do cenário da educação no Brasil e dos atuais estudos, sabemos da importância da Filosofia em nossas salas de aulas, que vai além de ter períodos, mas que seja uma Filosofia trabalhada na transversalidade. “Não pode ser apenas mais uma disciplina, não pode ficar confinada a um espaço disciplinar no currículo, mas deve atravessar todas as disciplinas, deve ser um “tema transversal”, tornando-se presente em todos os momentos (GALLO, 2007, p. 33).

A Filosofia deve fazer parte do currículo escolar porque é *necessária* ao cumprimento dos fins da educação nacional (SILVEIRA, 2007, p. 93). Sabemos que dentro da LDB e também dos regimentos e projetos políticos pedagógicos de nossas instituições, se zela pelo exercício da cidadania. Para podermos atingir essa finalidade em nossa missão educativa, a Filosofia faz parte indiscutível na formação da cidadania, sendo uma área de conhecimento que coloca em exercício o direito da cidadania. Sendo assim, “garantir sua presença no currículo escolar como disciplina obrigatória se justifica como forma de contribuir para a realização da condição humana dessa população, para sua real humanização” (SILVEIRA, 2007, p. 93). Também a proposta da CENP nos apresenta o seguinte:

A tarefa da reflexão filosófica [...] se dá de forma *sui generis*: por um lado, a Filosofia ocupa na estrutura curricular uma posição semelhante a qualquer disciplina: *há o que aprender, memorizar*, há técnicas a serem dominadas e, sobretudo, uma *terminologia específica* a ser devidamente assimilada. Não se deve iludir com o famoso adágio kantiano – “Não se ensina Filosofia, mas filosofar” – para justificar o espontaneísmo de professores e alunos, o que tem muito pouco de filosófico. Por outro lado, a Filosofia possui algo de específico; é que o ato de ensiná-la se confunde com transmissão, não de conteúdos em si, mas do *estilo reflexivo*. Este estilo não pode ser ensinado formal e diretamente, como uma técnica que se aprende, mas pode ser ilustrado quando professor e aluno refazem o percurso da interrogação filosófica, identificando a maneira peculiar pela qual os filósofos construíram suas questões e suas respostas” (destaques meus) (SILVEIRA, 2007, p. 88).

Por isso, através do currículo da Filosofia, somos convidados a filosofar, partindo dos conceitos que abordamos no início do nosso trabalho. Não ficar na decoreba ou memorização de conteúdos. Por isso, a Filosofia necessita não apenas ter seu espaço, mas sim ser legitimada completamente, nas suas diferentes nuances.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

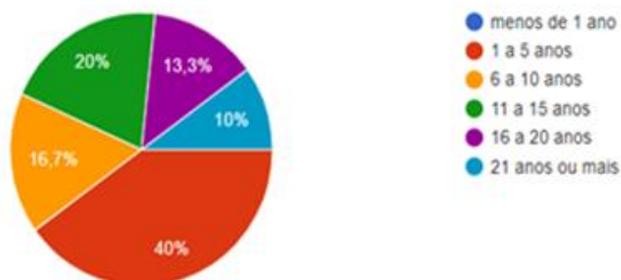
4.1 A formação Humana por meio da Filosofia: possibilidades na perspectiva dos sujeitos

O universo empírico da pesquisa, como já relatado, está formado por 30 professores de uma escola de Educação Básica da região metropolitana de Porto Alegre, RS. Traçando um breve perfil dos respondentes, temos que 40% trabalha na docência entre um a cinco anos, sendo que a maioria (46,7%) atua na Educação

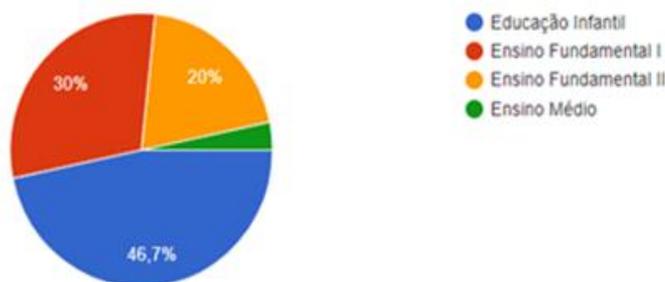
Infantil. Os gráficos da figura 01 trazem um panorama do universo de respondentes à pesquisa.

Figura 01: Caracterização do universo da pesquisa

Qual é seu tempo de exercício no magistério?
30 respostas



Em que nível de ensino você atua?
30 respostas



Fonte: Dados da pesquisa, 2020.

Com relação ao primeiro questionamento, a pergunta foi: Na sua opinião, o ensino de Filosofia deveria iniciar já no início da vida escolar? Como respostas, 90% dos participantes da pesquisa disseram que sim, o que vai ao encontro daquilo que abordamos na pesquisa, da importância do ensino da Filosofia e sua contribuição na formação humana e na constituição de valores.

A segunda questão buscou saber qual a perspectiva dos professores sobre o potencial da disciplina de Filosofia enquanto instrumento de formação humana na Educação Básica. Mais uma vez, 90% dos respondentes acreditam que sim. Partindo das análises dos dados da pesquisa, percebemos que os professores nos sinalizaram a importância que a Filosofia realizou na formação e constituição deles, reforçando a formação humana, pautada pelos valores que permaneceram para toda a vida. E

atualmente estão repassando esses valores e toda formação humanística para a sociedade.

Essa formação os ajudou a desconstruir as superficialidades, ingenuidades e crenças que às vezes viviam, saindo do mundo alienado em que viviam para o mundo concreto, ajudando na construção da cidadania. Essa formação humanística da Filosofia fez com que os sujeitos tivessem uma experiência de pensamento através das realidades que viviam, assim como abertura uma maior para o diálogo.

O conhecimento ministrado nas aulas de Filosofia deve proporcionar ao educando o autoconhecimento, além de ajudar na valorização do diálogo e na construção do saber. O diálogo sempre será uma mediação imprescindível no processo filosófico. Sem visões diferentes sobre o mesmo assunto, o conhecimento não parece compartilhado, mas sim, imposto (MULLER JUNIOR; FROM, 2016, p. 338).

O importante que se percebeu na pesquisa é que a formação em Filosofia ajudou a criar novos conceitos, seja da realidade deles e da sociedade, assim como da construção da sua cidadania, empatia, pensamento crítico e projeto de vida. Seu viver não ficou em estruturas impostas, mas foi construído a partir da realidade deles.

A terceira pergunta está relacionada à crença de que, como argumenta Deleuze e Guattari, a criação de novos conceitos, geradores de novas possibilidades, crenças, compreensões e aprofundamento das crenças gera ou cria valores humanizadores. A Filosofia é percebida como um potencial para mobilizar competências. A questão foi a seguinte: Se você respondeu 'sim' na questão anterior, diga: Que competências e habilidades você atribui à formação humana do ensino da Filosofia?

Os educadores que responderam à pesquisa nos sinalizaram diversas habilidades que foram adquiridas na sua formação, partindo da formação filosófica que adquiriram nos espaços educativos. Entre eles estão: Ser questionador, saber ouvir, proporcionar espaço de diálogo, reflexão, ética, construção de valores, compreensão, aprender a ser. O estudo da Filosofia ajudou no processo de humanização, entendimento das relações humanas, cultura, autoconhecimento, formação integral, compreensão da sociedade, tolerância, desenvolvimento do pensamento sistêmico, valorização do cidadão, solidariedade, empatia.

Evidenciamos a importância da Filosofia na Educação Básica, porque ela ajuda no desenvolvimento de diferentes áreas e disciplinas humanas. Garantimos assim “o

desenvolvimento da criticidade do estudante, para garantir uma interlocução entre as diversas disciplinas (GALLO, 2006, p. 20).

A partir das respostas, foi possível identificar os potencializadores do pensamento crítico e do desenvolvimento de valores, por meio de manifestações como: “A sociedade está cada vez mais individualista; vemos a necessidade de valores fundamentais serem revistos com nossos educandos, sendo a Filosofia a geradora desses valores.

Com relação à categoria do pensamento crítico, pode-se inferir que os participantes da pesquisa atribuem à disciplina da Filosofia a potencialidade de mobilizar competências relacionadas à capacidade do pensar crítico, como no depoimento que segue:

“Primeiramente, por ela [a Filosofia] se propor construir na sala de aula um espaço de diálogo e de construção de conceitos filosóficos. Ela é elemento que tem grande potencial de construção do pensamento crítico e reflexivo, no qual os estudantes possam fazer uma leitura mais profunda da sua própria existência e da realidade.

Diante do proposto na pesquisa, percebemos o quanto são importantes os estudos e as experiências que proporcionamos aos alunos, partindo da metodologia dos conceitos dos autores referenciados no estudo, que nos ajudam no entendimento, esclarecimento e reflexão de todos. Construindo assim sujeitos autônomos, críticos, reflexivos, reforçando nossa formação humanística da Educação Básica.

É o que viemos abordando no referencial teórico, da importância da questão política e da construção da cidadania do sujeito através dos conteúdos filosóficos, partindo dos conceitos de Deleuze e Guattari. Ajudando assim no aumento cultural nas pessoas, nas novas formas de compreender e interpretar o cotidiano, aprimorando a consciência crítica das pessoas. Levando em conta que o trabalho do filosofar é penoso, laborioso.

Em suma, o exercício do filosofar consiste num trabalho intelectual, por vezes árido, penoso, que exige de quem o pratica coragem, paciência, dedicação, disposição física e intelectual, atenção e disciplina, não tendo nada de espontâneo e corriqueiro. Talvez uma imagem apropriada para ilustrar a dificuldade que acompanha o trabalho filosófico seja a da esarpa íngreme e cheia de obstáculos que, na alegoria da caverna, de Platão, o prisioneiro libertado tem de escalar para superar as sombras (*doxa*) em que se encontra e ascender a um patamar superior de conhecimento da realidade (*sophia*). Ao término de sua caminhada, mesmo tendo sofrido para chegar ao seu destino, ele se regozija com sua nova situação e deplora aquela em que vivia

anteriormente, lamentando a sorte dos companheiros lá acorrentados, dispondo-se a retornar para ajudá-los a se libertarem (SILVEIRA, 2007, p. 81).

Conforme os dados da pesquisa, a arte do filosofar é que vai nos ajudar na construção e humanização do sujeito, a nos tornarmos pessoas melhores e, como consequência, uma sociedade melhor. E isso exige uma metodologia e um espaço garantido dentro de nossos espaços educativos, tendo assim meios para compreendermos a realidade, o homem e suas circunstâncias e chegar na mais alta reflexão e seus significados. Segundo Gramsci (1986, p. 40), “nesse sentido, o verdadeiro filósofo é — e não pode deixar de ser — nada mais do que o político, isto é, um homem ativo que modifica o ambiente, entendido por ambiente o conjunto das relações de que o indivíduo faz parte” (SILVEIRA, 2007, p. 101 apud GRAMSCI, 1986, p. 40).

Os resultados obtidos da análise nos sinalizam que com a Filosofia desenvolvemos um olhar mais aprofundado de tudo o que se perpassa conosco, e aos poucos vamos compreendendo aquilo que somos, o que realizamos, as escolhas que realizamos e como as relações se constituem na sociedade, sendo possível através de uma boa Filosofia a partir dos conceitos.

Podemos iniciar através do pensar, refletir a partir de um tema, uma Filosofia espontânea que já se realizava no início da humanidade e depois foi se aprofundando. A aula de Filosofia como oficina de conceitos está longe, portanto, de ser um empreendimento ingênuo ou alienado. Pode ser arma de luta; o conceito pode ser ferramenta de engajamento (GALLO, 2007, p. 31).

Assim, “o docente precisa atuar como mediador, organizador e facilitador no processo de ensino e aprendizagem. O professor de Filosofia talvez precise até mesmo transformar-se em provocador e ter como objetivo primordial estimular a reflexão” (MULLER JUNIOR; FROM, 2016, p. 332).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos perceber que a Filosofia poderá ser uma possibilidade que transforma o ser humano, numa pessoa melhor, humanizada e com valores. Assim como a Filosofia pode ser a possibilidade de criar novos conceitos, artes e novas formas de pensar, quando é bem abordada com os alunos, como escreveu Nietzsche:

“Os filósofos não devem mais se contentar em aceitar os conceitos que lhes são dados, para somente limpá-los e fazê-los reluzir, mas é necessário que eles comecem por fabricá-los, criá-los, afirmá-los, persuadindo os homens a utilizá-los” (DELEUZE; GUATTARI, 2010, p. 11-12).

Por isso é importante que o ensino da Filosofia inicie na Educação Básica. Dessa forma, o aluno já vai construindo a experiência filosófica. Para a construção da humanização dos educandos, o próprio professor necessita resgatar dos alunos suas experiências de vida, elementos culturais presentes, buscar aprofundar convicções e conceitos.

A construção da interioridade do sujeito faz parte de todas as experiências nas quais o sujeito foi apresentado ou participa, seja na convivência do dia-a-dia, seja na formação escolar. Por isso, a Filosofia ajuda na formação do sujeito, na medida em que a reflexão, a escrita e a leitura proporcionam participar de outras possibilidades.

Nossa pesquisa sinalizou a importância da Filosofia na trajetória dos professores que participaram da pesquisa, para construção de valores, pilares para valores éticos e morais, partindo de um bom processo filosófico que iniciou na Educação Básica. Uma Filosofia que vai além do estudo da história, mas que faça pensar em novos conceitos e possibilidades. Uma Filosofia que se torna ativa, na medida em que se atualiza conforme os novos tempos que vamos vivendo. Para que “haja sempre filósofos novos, produzindo um novo pensamento, dando continuidade a essa história. Assim, ensinar Filosofia é ensinar o ato, o processo do filosofar (GALLO, 2006, p. 18).

Como vimos na fundamentação da pesquisa, a Filosofia ajuda a construir novos conceitos, novas possibilidades, pensar e agir além da realidade na qual que estamos. Por isso é importante não instrumentalizar a Filosofia, voltar para si mesmo, mas que esteja envolvido em movimento, processo e novas experiências filosóficas. Assim como dialogar com outras áreas das ciências e artes. E quando se falou do ensino da filosofia por conceitos, é “para além de uma mera transmissão de conteúdos da história da filosofia ou de um mero treinamento de competências e habilidades supostamente identificadas com o pensamento filosófico (GALLO, 2006, p. 25-26).

Ao longo da pesquisa foi colocada a questão que a Filosofia ajudou na construção da cidadania do sujeito, assim como rupturas ao senso comum, ideias absolutistas e dogmatismos. Com essas reflexões proporcionadas pela Filosofia

conseguimos proporcionar novas aberturas ao conhecimento, ajudando na educação e constituição do sujeito.

Para a educação do processo de humanização, a Filosofia na Educação Básica ajuda a refletir sempre mais. Não visa trazer respostas finalizadas ou soluções, e sim, através da reflexão, trazer novas possibilidades que ajudem os seres humanos a terem saídas dos seus enigmas e dificuldades que estejam passando. A Filosofia vai nos ajudar a refletir sobre grandes dificuldades que a sociedade e os seres humanos já passaram, ajudando no discernimento e na busca de respostas em favor do bem comum.

Construir uma sociedade mais humana, assim como caminhar para a alteridade e a solidariedade são compromissos fundamentais de todos. Porém, isso tudo precisa ser ensinado e compreendido. E aí a Filosofia e outras disciplinas poderão ajudar. Criaremos entidades mais humanizadoras, nas quais teremos relações de empatia e cidadania. Com isso, “a cidadania nada é se não a exercitarmos, pois, sendo inerente à condição humana, ela depende de nossas ações” (LIMA, 2010, p. 67-68).

A Filosofia deve ser vista pelos alunos como uma arma contra qualquer tipo de alienação; uma disciplina voltada sobretudo para a construção da cidadania, tão necessária nos dias atuais. (MULLER JUNIOR; FROM, 2016, p. 332). Esse espaço de diálogo com a Filosofia constrói experiências consigo mesmo e a realidade circundante, assim como com as demais disciplinas.

O professor de Filosofia e os demais professores da Educação Básica necessitam ter essa formação filosófica para conseguirem ser geradores de práticas humanizadoras na sua área de atuação. Assim conseguiremos realizar a transformação na sociedade, construindo possibilidades de relações mais harmoniosas consigo mesmo e com todos os sujeitos com os quais nos relacionamos.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. 2010. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995a. 94 p. v. 1.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **MIL PLATÔS: Capitalismo e Esquizofrenia**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1995b. 94 p. v. 2.

DIAS, Rui Alexandre Grácio e Sousa. **Ensi(g)nar filosofia?** Disponível em: <http://www.apfilosofia.org/>. Acesso em: 24 de outubro de 2019.

GALLO, Sílvio. A filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. **ETHICA**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2006. Disponível em: <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

GALLO, Sílvio. A Filosofia e seu ensino: conceito e transversalidade. In: SILVEIRA, R. J. T. ; GOTO, R. ; (Org). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 15-37

GALLINA, Simone. O ENSINO DE FILOSOFIA E A CRIAÇÃO DE CONCEITOS. **Cad. Cedes**, Campinas, v. 24, n. 64, p. 359-371, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ccedes/v24n64/22836.pdf>. Acesso em: 16 out. 2019.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a educação**, Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. A FILOSOFIA E SEU ENSINO: CONCEITO E TRANSVERSALIDADE. **ETHICA**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. 17-35, 2006. Disponível em: <http://professor.ufabc.edu.br/~la.salvia/wp-content/uploads/2016/09/gallo-filosofia-e-seu-ensino-conceito-e-transversalidade.pdf>. Acesso em: 26 set. 2019.

GOTO, Roberto. Que bagulho é isto – filosofia?. In: SILVEIRA, R. J. T. ; GOTO, R. ; (Org). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 53-75.

GOTO, Roberto; SILVEIRA, Renê J.T. (Org.). **Filosofia no Ensino Médio – Temas, problemas e propostas**. São Paulo: Loyola, 2007.

RODRIGO, L. M. Uma alternativa para o ensino de filosofia no nível médio. In: SILVEIRA, R. J. T. ; GOTO, R. ; (Org). **Filosofia no ensino médio: temas, problemas e propostas**. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 37-51.

MIRANDA, Jair.; PIOL, Andréa Scopel. ENSINO DE FILOSOFIA: DESAFIOS E POTÊNCIAS NAS ESCOLAS PÚBLICAS DE ENSINO MÉDIO DE ARACRUZ, ES PAIVA. In: Congresso da Sociedade de Filosofia da Educação de Língua Portuguesa, 5.,2015, Campinas, *Comunicação*, 2015, p. 707-718.

MONTEIRO, Raquel Alvim. **A FILOSOFIA NO ENSINO MÉDIO: POSSIBILIDADES E EXPERIÊNCIAS**. 2016. 77 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-ANJNVN/1/disserta_o_mestrado_profissional___ufmg__raquel_alvim_monteiro.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

MULLER JUNIOR, Levy; FROM, Danieli Aparecida. FILOSOFIA COMO PRÁTICA PARA A CIDADANIA. **Vitrine Prod. Acad**, Curitiba, v. 4, ed. 1, p. 300-458, jun/jan. 2016. Disponível em: <http://www.vitrineacademica.dombosco.sebsa.com.br/index.php/vitrine/article/download/170/171>. Acesso em: 2 out. 2019.

MONTEIRO, Raquel Alvim. **A filosofia no Ensino Médio: possibilidades e experiências**. 2016. 77 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação e Docência) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUBD-ANJNVN/1/disserta__o_mestrado_profissional___ufmg__raquel_alvim_monteiro.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Teses sobre o ensino de Filosofia no nível médio. In: SILVEIRA, R. J. T. GOTO, R. (Org). **Filosofia no ensino médio**: temas, problemas e propostas. São Paulo: Edições Loyola, 2007. p. 77-118.